

Humanizar o habitar e a cidade

António Baptista Coelho³

Índice

Introdução.....	10
Humanizar o habitar e a cidade	11
Sobre o habitar a cidade e a casa hoje em dia	11
Dois objectivos aliados e de pormenor: cidade mais viva e melhor habitada.....	11
Uma arquitectura urbana pormenorizada, generosa e diversificada...	12
Natureza humana da qualidade arquitectónica residencial.....	14
Cidades vivas e humanizadas	14
Cidades mais amigáveis e melhor habitadas: como fazer?	15
Caminhos da humanização de uma cidade mais amigável	16
Comentários finais	20
Notas bibliográficas	21

Introdução

O tema deste artigo é, naturalmente, matéria que poderia ser considerada como de senso comum. Afinal quem não defende a humanização do habitar e da cidade? Mas, hoje em dia, a questão da (re)humanização do habitar e da cidade coloca-se com uma actualidade e uma urgência renovadas, quer face aos problemas habitacionais e urbanos que ainda persistem e que se ligam ao velho e crítico novelo das questões da falta de condições de habitabilidade de determinadas áreas urbanas e de falta de condições mínimas de habitação com dignidade, quer face às “novas” condições de uma cidade de periferias descaracterizadas e de centros sem vida, uma cidade estruturalmente feita para o veículo privado e num sentido de cidade funcionalizada e maquinal, da qual já se conhecem problemas críticos de massificação, anonimato, falta de convívio e insegurança, quer, ainda, no início de um novo século que é e será o das grandes cidades multiculturais, cidades que exigem respostas válidas e urgentes e em muitos casos para problemas novos, entre os quais se destacam

as questões de acessibilidade e vitalização urbana e de integração e valia sociocultural.

E a ideia é que a resposta mais adequada que devemos ter para tais questões é e será uma cuidada sequência de diversos níveis urbanos e habitacionais positivamente marcados pela presença e pelo uso humanos, que nos envolvam e orientem agradavelmente, que nos sirvam e nos atraiam, e que sejam motivos do nosso orgulho e da nossa identidade, desde as vizinhanças residenciais, aos pequenos espaços de convivência que qualificam os bairros, até aos pólos urbanos. E assim, querendo sintetizar uma tal resposta, propõe-se a ideia da humanização ou até da (re) humanização dos espaços do habitar e, naturalmente, da cidade que por eles é constituída, uma humanização que não é feita contra ninguém, mas sim sempre em favor da felicidade do homem habitante e uma humanização cujo principal “segredo” é pensar para lá dos aspectos quantitativos.



Fig. 01: sobre a humanização do habitar e da cidade; há que começar à porta de casa.

³ Arquitecto pela ESBAL, doutor em Arquitectura pela FAUP, investigador do Núcleo de Arquitectura e Urbanismo do LNEC, membro fundador do Grupo Habitar, membro da Direcção da Nova Habitação Cooperativa, editor da revista/blog Infohabitar, abc.infohabitar@gmail.com

Humanizar o habitar e a cidade

Pensamos, assim, em soluções residenciais e urbanas que possam contribuir, quer para uma cidade melhor habitada, mais misturada e integrada de diferentes pessoas e actividades, e mais amigável, quer para uma habitação que sendo adequada e multifacetada seja também, quer mais um pouco de tecido urbano coeso, quer uma habitação viva, que se estenda pelos exteriores e pelas vizinhanças, mais residenciais ou mais cidadinas de uma cidade agradável e estrategicamente animada.

Talvez que o tema comum numa cidade mais viva e numa habitação com verdadeiro interesse social, e, portanto mais urbana e coesa, mas que não perca o sentido básico do abrigo, do sossego e da apropriação, e da convivialidade entre vários grupos socioculturais, seja uma caracterização humanizada do habitar, um habitar à pequena escala, um habitar das vizinhanças bem conjugadas, um habitar que tanto embebe a escala humana e bem amigável desse sossego, dessa protecção e dessa apropriação, como está disponível, mercê de simples e diversificadas associações, para participar activamente na construção das escalas maiores das vizinhanças mais alargadas, dos bairros e das partes de cidade.

E não tenhamos qualquer dúvida que humanizar implica pensar bem para lá dos aspectos quantitativos.

Sobre o habitar a cidade e a casa hoje em dia

A população estabilizou mas as necessidades habitacionais têm crescido, devido à persistência de críticas faltas de habitação condigna e a novas e diversificadas necessidades habitacionais, por aumento das pessoas que vivem sós, por uma mutação frequente e brusca na composição dos agregados, pela crescente autonomização residencial dos mais jovens e dos mais idosos, sendo este um grupo etário em crescimento, mas também porque há muitas pessoas a habitarem diferentes casas e a habitarem a cidade com diversidade e intensidade.

Os modos de vida mudaram e diversificaram-se, é portanto necessário flexibilizar a oferta de soluções urbanas e residenciais e assumir cada vez mais a

habitação como vários espaços de habitar: no interior como lugar de trabalho e de recreio, que responda a um amplo leque de necessidades e desejos através da adaptabilidade e da redução das hierarquias funcionais domésticas; e no exterior urbano por uma afirmação de vizinhanças e de uma cidade agradavelmente habitada.

Uma fundamentada e actual inovação no habitar parece dever centrar-se nas soluções de vizinhança, numa tendência que se julga ter grande potencial. Estão neste caso variadas misturas tipológicas compacta criando ruas, pracetas residenciais e vizinhanças afirmadas, servidas por diversas tipologias de acesso e edifícios fortemente articulados com espaços exteriores públicos. Novas soluções urbanas e residenciais feitas especificamente para cada situação, adequadas ou adoptáveis a hábitos e gostos específicos e com um forte sentido de identidade urbana, alargando o habitar à cidade habitada.

E aqui, nas ruas e pracetas de uma cidade que se quer habitada, é essencial a sua devolução à estima e ao intenso uso públicos, pois, como defende Jan Gehl¹, enquanto, antigamente, uma casa cheia de gente era uma pequena cidade, hoje em dia os que vivem sós, ou em pequenos grupos, precisam, criticamente, da vida urbana, e de uma vida urbana de vizinhança e de centralidade, para viverem com diversidade e estímulo.



Fig. 02: nas ruas e pracetas de uma cidade que se quer habitada, é essencial a sua devolução à estima e ao intenso uso públicos – C. M. do Porto, 2007, Fontainhas, 21 fogos, Arq.os Helder Ribeiro e Amândio Cupido.

Dois objectivos aliados e de pormenor: cidade mais viva e melhor habitada

Quais os problemas mais importantes na cidade actual? Provavelmente os mais críticos são a falta de vitalidade urbana e as desmotivantes condições de qualidade habitacional que afectam, ainda, e de diversas formas, muitas pessoas e famílias.

A ideia-chave aqui proposta é ser possível melhorar as condições de habitar de muitos, através de habitação de interesse social, melhorando também a cidade onde se vive, numa resolução dupla de problemas que foram e são críticos e as imagens que acompanham esta reflexão, quase todas de recentes conjuntos de habitação de interesse social realizados entre 2005 e 2007, confirmam essa possibilidadeⁱⁱ.

Cada vez mais o habitar tem de se ser entendido numa perspectiva ampla, como entidade viva, que contribua para a vida da vizinhança, do bairro e da cidade. E portanto, quando pensamos nas vizinhanças urbanas, que são as células de uma cidade, elas devem integrar, além das habitações, pequenos equipamentos adequados ao serviço das diversas necessidades dos habitantes, mas também ao estímulo do convívio natural e mesmo de uma verdadeira extensão do habitar para além das paredes da casa de cada um.

São, por exemplo, os pequenos cafés e restaurantes estrategicamente situados em esquinas e passagens, que se tornam verdadeiros prolongamentos das nossas casas, e também todo um leque de outros equipamentos de proximidade e de acessibilidade que tornam a cidade circunvizinha mais habitável e amigável. Uma cidade de vizinhanças caracterizadas por imagens enriquecidas por uma estimulante diversidade de soluções habitacionais, que correspondam a necessidades e gostos específicos, bem como a diversos objectivos urbanos.

À escala do espaço urbano há que aliar cidade mais viva e melhor habitada, e reafirmando estas ideias um recente grande estudo espanhol sobre o habitarⁱⁱⁱ sublinha que “se devem valorizar aquelas propostas que melhor se adaptam à sua localização na cidade, às suas características de morfologia urbana e que introduzem melhorias nas respectivas envolventes devido à sua estrutura espacial, à sua qualidade arquitectónica e à introdução de espaços comuns.

A introdução ou a reintrodução de habitação deve ser, assim, aliada à vitalização e qualificação

urbana pormenorizadas, ganhando-se, simultaneamente, melhores espaços de habitar e de cidade – um habitar mais vivo e uma cidade mais habitada.

E aqui há um evidente e estratégico reforço da importância da qualidade arquitectónica em relação com as funcionalidades da cidade e as acções da colectividade, num aprofundamento dos valores de proximidade; e afinal, tal como escreveu Ruy Gomes, há trinta anos, “a vivência do habitar engendra necessidades para além das que a habitação por si só pode satisfazer... a esta complementaridade de funções, da habitação e do seu enquadramento físico e de apoio circunvizinho, corresponde o conceito de habitação integrada.”^{iv}



Fig. 03: há que ganhar, simultaneamente, melhores espaços de habitar e de cidade, um habitar mais vivo e uma cidade mais habitada; e há que privilegiar, claramente, o habitar dos espaços públicos e das vizinhanças citadinas – o grande, recente e excelente conjunto cooperativo do Vale Formoso, Lisboa, urbanismo de Arq. António Piano e Eduardo Campelo, parte das soluções de arquitectura Arq. ⁹s Serra Alvarez.

Uma arquitectura urbana pormenorizada, generosa e diversificada

Actuar desta forma exige uma arquitectura urbana pormenorizada, caracterizada por uma pequena escala civicamente enriquecedora e muito humana, sem repetições de soluções e com intervenções feitas para cada sítio e marcadas pela qualidade arquitectónica; num processo que exige enquadramento específico, pois o segredo é, realmente, a qualidade real do projecto, uma qualidade que tem de ser exigida, verificada e direccionada para melhores habitações e paisagens urbanas.

Uma arquitectura que encontre caminhos no

âmbito de uma cidade mais durável, porque mais generosa. Um interessante conceito de generosidade residencial e urbana que foi defendido numa recente exposição em Paris^v, como contraponto a uma sociedade marcada pelo egoísmo e pelo isolamento individual; pois ao opormos a generosidade à generalidade tomamos partido contra a banalização da cidade e contra a monótona e desvitalizadora repetição de soluções. E como ser generoso? Proporcionando um habitar com mais espaço interior e mais adaptabilidade, e com mais espaço público vivo, condições que serão benéficas para uma densificação mais cuidadosa e humanizada, uma densificação que será, provavelmente, benéfica em muitos contextos urbanos e suburbanos actuais, caracterizados por críticas situações de desvitalização e desagregação funcional, visual e ambiental.

Uma cidade habitada mais generosa tem de ser também sítio de uma maximizada mistura de funções, numa utilização do conceito de cidades “Maxmix” recentemente sublinhado pela União Internacional dos Arquitectos^{vi}, e a matéria da humanização tem também muito a ver com isto, pois as cidades humanizadas são aquelas habitadas e dinamizadas pelas mais diversas misturas funcionais e ambientais, misturas estas que nada têm a ver com o “velho” zonamento da cidade moderna, mas sim com uma cidade reorganizada e que integra elementos “maximamente misturados”, que a tornam sustentável, propondo-se, simultaneamente, uma nova valorização do bem-estar humano numa cidade contemporânea sem as limitações do zonamento, sem zonas urbanas vazias de habitação, e numa resposta natural às variedades de gostos e de procuras dos habitantes, servidas por um ambiente urbano que além de funcional seja atraente, e através da oferta de uma renovada qualidade urbana, servida por um urbanismo multisensorial, tal como aponta François Ascher^{vii}, marcado pela diversidade de sequências e imagens urbanas pormenorizadas, condição essencial na vivência de uma cidade da proximidade, da surpresa, da identidade e da escala humana; uma cidade cuja força apague as intervenções urbanas bastardas, aquelas de que ninguém assume a sua paternidade – um conceito apontado pelo arquitecto José Luís Azkárate.

Uma multisensorialidade ligada a espaços urbanos e residenciais motivadores, que para o serem têm de estar impregnados por um verdadeiro sentido

lúdico, que deve marcar as conjugações de acessos a habitações, equipamentos e espaços urbanos, sendo o predomínio estratégico do peão em espaços mais segmentados, variados e estrategicamente densificados, a condição para uma cidade mais viva, mais amiga do habitante e mais dialogante e lúdica, agradavelmente misteriosa e apropriada.

E podemos considerar que numa tal integração de mundos residenciais e urbanos diversificados a habitação terá de se resolver numa estimulante criação tipológica pois, tal como escreveu o Arq^o Alain Malherbe: “a tipologia serve de refúgio para melhor se trabalhar o tecido urbano de maneira cirúrgica. Longe de se fundir no ambiente como um camaleão, a arquitectura deve encontrar soluções pertinentes para cada situação”^{viii}; e Malherbe associa essa pertinência a aspectos de diálogo entre velho e novo e de valor paisagístico específico, aspectos estes fundamentais numa humanização do habitar que agregue cidade e habitação em tipologias sensíveis e diversificadas, enriquecedoras do tecido urbano, e mesmo ao serviço do referido sentido lúdico, que é essencial na fruição da essencial cidade das proximidades.



Fig. 04: uma multisensorialidade ligada a espaços urbanos e residenciais motivadores, que para o serem têm de estar impregnados por um verdadeiro sentido lúdico em espaços mais segmentados, variados e estrategicamente densificados e equipados – Funchal, grande conjunto promovido pela empresa Imopro, 2006, Arq.^a Carla Baptista e Arq. Freddy Ferreira César.

Natureza humana da qualidade arquitectónica residencial

Devemos visar, assim, um verdadeiro habitar numa verdadeira cidade de “habitares”, de vizinhanças, que vão da habitação, à vizinhança e à cidade, com naturalidade e também no sentido contrário com igual naturalidade e atractividade; e para tal o veículo de ligação ou de coesão tem de ser um habitar humanizado, que se pode definir como aquele cujas características urbanas e residenciais nada têm de massificação, de monotonia, de falta de escala humana, de segregação social e física relativamente à cidade viva, de frieza ambiental, de agressividade de imagens, de excesso de presença rodoviária e de crítica ausência de verde urbano.

Salienta-se que um habitar humanizado, além de ser, naturalmente, quantificável, é muito mais do que isso, por ser uma solução residencial e urbana que nos fala à alma, uma noção proposta por Le Corbusier.

Afinal não se trata, aqui, apenas de números ou de receitas a repetir e associadas a uma qualquer satisfação garantida, pois o fazer da cidade e da casa do Homem liga-se, essencialmente, a aspectos qualitativos; e tal como escreveram, há pouco tempo, Leonardo Benevolo e Benno Albretch, “os desafios a enfrentar no mundo de hoje não dizem apenas respeito às quantidades e aos números, mas também, – e sobretudo – à complexidade e à subtilidade” e os autores sublinham que “só o leque completo dos resultados em que a excelência qualitativa aflora das maneiras mais diversas e imprevisas, dá uma ideia justa dos recursos da mente humana...”^{ix}

Salienta-se, novamente, que a presente reflexão sobre a humanização do habitar é quase integralmente ilustrada com imagens de bons exemplos de recentes conjuntos de habitação de interesse social portuguesa (de promoção municipal, cooperativa e privada), quer por ser fundamental, nestas matérias não quantificáveis, aprender com a experiência, quer para demonstrar que estas matérias têm muito pouco, ou mesmo nada, a ver com os custos e quase tudo a ver com bons projectos de arquitectura urbana; e há, aqui, que dar uma atenção especial e bem merecida aos excelentes exemplos de arquitectura urbana e residencial, desenvolvidos por cooperativas da Federação Nacional de Cooperativas de Habitação

Económica (FENACHE), que marcaram muitos dos anos da história da habitação de interesse social portuguesa desde o 25 de Abril.

Cidades vivas e humanizadas

O objectivo urgente é fazer uma cidade bem desenhada, que seja também claramente amigável e, portanto, humanizada. Uma cidade de que nos orgulhemos pela sua valia cultural, mas também uma cidade onde aconteçam coisas e onde “de vez em quando” apeteça ir “por uma dessas ruazinhas que não se sabe onde irão acabar, deixando correr o tempo ao sabor dos passos errados...”, tal como escreveu Daniel Filipe^x.

Uma cidade culta e amigável, porque agradavelmente misteriosa, estimulante e bem aberta à fruição do peão, depende de soluções integradas que maximizem as vantagens de dois mundos: o urbano e o doméstico; o exterior e o interior; em vizinhanças que conjuguem as nossas casas com os cenários vivos da nossa cidade e com a paisagem; e em soluções feitas especificamente para cada situação, adaptáveis a diversos hábitos e bem identificáveis e envolventes.

Desta forma o habitar invade as vizinhanças desejavelmente amigáveis de uma cidade, que é assim tornada mais viva e estimulante. E é grande a importância deste amplo sentido urbano e humanizado de habitar quando os habitantes são pessoas com problemas socioculturais e económicos, e que assim passam a ter a possibilidade de se integrarem numa intensa e contínua vida urbana; e não parece haver dúvida de que esta condição deveria registar-se, obrigatoriamente, em todas as intervenções de habitação de interesse social.

Uma vida cidadina densa e animada é triplamente importante: seja na oferta de ambientes socioculturais estimulantes e que não existem, infelizmente, em muitas famílias; seja para complementar a vida doméstica solitária de tantas pessoas, e somos cada vez mais os jovens e os idosos sozinhos nas cidades ocidentais; seja para se proporcionar um verdadeiro suplemento de alma, convivial e estimulante ao habitar urbano.

Mas, atenção, fazer cidade densa e animada não se resume a uma estratégia física e quantitativa, pois é preciso criar uma verdadeira vida pública,

ultrapassando a simples circulação de peões, e, tal como defende Jan Gehl^{xi}, privilegiando o verdadeiro estar prolongado em ruas, praças e galerias. E na sociedade actual, marcada pelo egoísmo e pelo isolamento individual, mais do que nunca precisamos, tal como se apontou atrás, de uma cidade amigável e generosa, que se oponha à banalização do espaço urbano e à monótona repetição de soluções sem carácter.

Há ainda que sublinhar que tais características de generosidade e de boa integração de funções e de imagens com qualidade estão na antítese de erros urbanos recorrentes e muito graves entre os quais nunca será demais destacar a tendência, ainda pontualmente persistente, de concentrar, segregar e marcar a habitação de interesse social com uma imagem “pobre” e por vezes verdadeiramente triste, como se não bastasse ter poucos recursos, mas fosse necessário evidenciar tal situação.



Fig. 05: a criação de muitos lugares bem interligados é fundamental numa cidade coesa e humanizada – 2005, C.M. de Matosinhos, conjunto em Monte Espinho, Arq^a Paula Petiz.

Em todas estas matérias nunca é demais salientar a importância de se aprofundar a diversidade, mas também a coesão e a coerência dos meios

urbanos, pois, afinal e tal como refere o arquitecto Herman Hertzberger, nas suas Lições de Arquitectura^{xii}, citando Aldo van Eyck, é fundamental fazer “de cada casa e de cada cidade uma porção de lugares, pois uma casa é uma cidade em miniatura e uma cidade é uma casa enorme” – e esta ideia de criação de muitos lugares bem interligados é fundamental numa cidade coesa e humanizada.

Cidades mais amigáveis e melhor habitadas: como fazer?

O tema central é a coerência e a amigabilidade/amabilidade dos meios urbanos, uma matéria que tudo tem a ver com uma cidade sensivelmente arquitectada e, portanto, mais humanizada, mais amigável e, afinal, mais urbana, porque bem marcada pela urbanidade.

E em que consiste esta urbanidade? Podemos usar a excelente definição do arquitecto Manuel de Solá-Morales^{xiii} que nos diz haver “configurações específicas, uma esquina, uma rampa de garagem, as margens de algumas vias..., elementos da cidade que são a sua matéria. Um bairro novo, um quarteirão, é uma matéria, um componente da cidade; mas podem ser elementos mais pequenos, um passeio, as cabinas telefónicas, a maneira como um edifício resolve um desnível... e resolvê-lo bem ou mal é um tema da cidade; são coisas que têm urbanidade, sentido de cidade, se são resolvidas de uma maneira positiva... O trabalho do arquitecto, do urbanista, do engenheiro é materializar essa condição urbana, e é importante pensar e acertar isto. Há que reclamar questões de qualidade, não só de grandes conceitos.”

E a urbanidade entende-se e conquista-se percorrendo a cidade caminhando, harmonizando a cidade caminhada com a dos veículos, e no caminhar encontramos o “jogo” dos objectos urbanos, tão caro ao arquitecto Gordon Cullen, e que é fundamental na leitura e no fazer de uma cidade agradavelmente percorrível e amigável, sempre nova nas suas perspectivas e sequências urbanas, vividas todos os dias e sempre diferentes, uma vida inteira, mas para tal é preciso que a paisagem urbana do pormenor, a tal urbanidade, seja verdadeiramente coesa, rica e estimulante, num cocktail equilibrado de mistério, de clareza e de segurança. Uma urbanidade baseada num habitar humanizado, exercido nas habitações, no

exterior e nos equipamentos.

O arquitecto Herman Hertzberger, nas suas Lições de Arquitectura ^{xiv} diz-nos que para atingir este objectivo “devemos ter cuidado para não deixar buracos e cantos perdidos e sem utilidade” pois o “arquitecto não deve desperdiçar espaço... pelo contrário deve acrescentar espaço...”

Nestas matérias da caracterização e da criação de uma paisagem urbana pormenorizada e humanizada é obrigatório citar Gordon Cullen^{xv}, quando escreve que: “o conformismo mata, aniquila; a diferenciação, pelo contrário, é fonte de vida... e tudo é unificado pelo fogo e pela vitalidade da imaginação humana, e assim torna-se possível fazer habitações para homens”; e que “a composição de um conjunto urbano é potencialmente uma das mais emotivas e variadas fontes de prazer”.

E depois, no centro da paisagem urbana, no final e no princípio da cidade, estão, naturalmente, os edifícios, e há edifícios mudos, outros que falam e outros que cantam, tal como escreveu Paul Valéry (Eupalinos ou o Arquitecto)^{xvi}, citado por Carlos Leite Brandão, e desta imagem bem real importa reter que os edifícios que cantam são concebidos como sonhos “mais do que como ciência pois da análise não se passa ao êxtase...”

Em tudo isto não se quer reduzir a importância da objectividade da análise da arquitectura residencial, mas sim sublinhar que para além dela há muito mais matéria de arquitectura e, sem dúvida, que a matéria da boa arquitectura está em boa parte toda para lá dos limites da objectividade, o que não significa que não possa ser objecto de apreciação e de discussão, por exemplo, em termos de integração, de urbanidade, de apropriação, de relação interior/exterior, etc., etc.; e se reduzirmos a análise arquitectónica a uma análise objectiva podemos ter a certeza não conseguimos ter mais do que um fantasma muito pouco fiel da verdadeira qualidade vivencial e urbana da solução em análise.



Fig. 06: “a composição de um conjunto urbano é potencialmente umas das mais emotivas e variadas fontes de prazer” – 2006, União de Cooperativas Norbiceta, Ponte da Pedra, Matosinhos, o primeiro conjunto habitacional cooperativo que integra aspectos de sustentabilidade ambiental, Arq. António Carlos Coelho.

E de tudo isto se conclui ser fundamental começar a considerar, especificamente, a “qualidade arquitectónica”, noção esta com grande actualidade, até porque começa a encontrar, hoje em dia, sustentáculo institucional ao nível das preocupações e dos objectivos da União Europeia, e começa, também, a ser ponderada ao nível de algumas políticas municipais da habitação e da arquitectura.

Caminhos da humanização de uma cidade mais amigável

A ideia que se sublinha no apontamento que em seguida se faz do que se considera poderem ser sete importantes linhas temáticas de um habitar mais humanizado ^{xvii} é que elas são estratégicas para uma melhor arquitectura residencial, ligada à paisagem urbana e natural e com afinidade com os nossos diversos modos de vida e desejos habitacionais; e que viver em tais condições é realmente uma possibilidade muito positiva e muito gratificante, capaz de resultar em pessoas mais felizes^{xviii}, uma felicidade que se reflecte, tanto na vida de cada um, como na vida das vizinhanças urbanas e da própria cidade.

Uma oportunidade de felicidade que assume importância estratégica quando se desenvolvem conjuntos urbanos e habitacionais dedicados a pessoas socialmente desfavorecidas; conjuntos estes que podem e devem assumir um papel de

relevo como ferramenta de desenvolvimento pessoal, familiar e social dos habitantes e das respectivas vizinhanças e comunidades locais.

(i) escalas e tempos do habitar

Numa primeira linha de humanização há que estruturar os mundos domésticos e citadinos através de: uma escala social e vitalizada de cidade habitada e pública; de uma escala de vizinhança, equilibradamente convivial; e de um último nível de marcação da própria escala humana.

Pode dizer-se que a boa escala e o bom ambiente residencial caracterizam os sítios e as vizinhanças onde parece que mesmo na rua estamos em casa, verdadeiras “ilhas de paragem” cativantes, ilhas que definem sítios habitados e únicos na cidade grande.

Nesta matéria é fundamental o respeito pelo “espírito do lugar”, e a (re) descoberta da “cidade do vagar”, estruturada por acessibilidades pedonais e enriquecida por espaços públicos pontuados por sequências de verdadeiras “ilhas de paragem”, por pólos de convívio e até pela arte pública, pois (como diz Yi-Fu Tuan) há muito de comum entre lugar, arte e identidade.



Fig. 07: a boa escala e o bom ambiente residencial caracterizam os sítios e as vizinhanças onde parece que mesmo na rua estamos em casa – 2007, promoção cooperativa da Cooperativa da NHC- Nova Habitação Cooperativa, em parceria com a C.M. de Loures, para realojamento de 22 famílias de etnia cigana, em São João da Talha, arq.ºs Luís Monteiro e Antero de Sousa.

(ii) as humanidades e o habitar

Numa segunda linha de humanização importa aprofundar a sensibilidade na concepção das soluções urbanas e residenciais, favorecendo as pontes entre o habitar, os habitantes e os modos de habitar, através de uma preocupação arquitectónica específica e pela cooperação com as humanidades e as ciências sociais. Afinal, tal como disse Fernando Gil^{xix}: “Aquilo a que hoje se chama pluridisciplinaridade não é uma metodologia, é a única metodologia possível para se perceber seja o que for.”

Na perspectiva de aproximação à satisfação dos habitantes têm decorrido em Portugal e especificamente no Núcleo de Arquitectura e Urbanismo do LNEC, análises residenciais multidisciplinares e retrospectivas, e sublinha-se que o próprio Grupo Habitar, uma associação técnica e científica com sede no LNEC, resultou da riqueza que se percebeu existir nessa multidisciplinaridade.

Afinal, aprende-se muito com os erros e com as boas práticas, e hoje em dia, em Portugal, e na sociedade ocidental, continuamos a conhecer mal muitos dos habitantes para os quais ajudamos a construir casas e bairros, assim como conhecemos mal muito do que se passa nos diversos espaços residenciais.

(iii) habitar cidades amigas

Numa terceira linha de humanização temos de tudo fazer para que as nossas cidades sejam amigas dos seus habitantes, privilegiando os grupos sociais mais sensíveis, portanto as crianças e os idosos. Pois as cidades não podem ser apenas estruturas funcionais, têm de ser sítios que propiciem o bem-estar, a estadia e o convívio.

Escreveu o ensaísta António Pinto Ribeiro^{xx} que “seria desejável que a cidade voltasse a ter como medidas de planeamento o peão e o utente do transporte público. Tal corresponderia, a uma ligação mais epidérmica com o espaço, à possibilidade de se instalar durabilidade no tempo de gozo da cidade.” E Manuel Tainha, referindo-se ao caso de Chelas, clarifica aquilo que precisamos combater, dizendo que ali “as pessoas vivem nos interstícios das grandes vias e o automóvel é soberano na cidade. As áreas residenciais são”, ali

“áreas residuais entre os sistemas de circulação”.

E as cidades mais amigáveis devem apoiar o crescer e o envelhecer e ser seguras, e nesta última matéria recorda-se Jane Jacobs^{xxi}, quando escreveu que “a ordem pública não é mantida basicamente pela polícia... mas sim pela rede intrincada de controles e padrões de comportamento espontâneos... e que o problema da insegurança não pode ser solucionado pela dispersão das pessoas... Numa rua movimentada consegue-se garantir segurança; numa rua deserta não ...” – importa assim privilegiar espaço “defensáveis” e naturalmente animados.



Fig. 08: as cidades não podem ser apenas estruturas funcionais, têm de ser sítios que propiciem o bem-estar, a estadia e o convívio – vista do mercado no centro das Caldas da Rainha.

(iv) história(s) e tipologias do habitar.

Uma quarta linha de humanização refere-se a não fazer qualquer sentido apostar em “tábuas rasas”, quando há informação útil sobre casos tipológicos com muitos anos de vivências. Um exemplo é dado pela “casa-pátio”, uma solução com mais de 6.000 anos e ainda em uso; mas há muitos excelentes

exemplos tipológicos que não são minimamente reconhecidos nem divulgados, preferindo-se repetir, cegamente, as mesmas soluções, tantas vezes pouco qualificadas.

Dá vontade de dizer que parece haver um crítico esquecimento/desconhecimento tipológico, não se aproveitando o muito que se tem experimentado, por vezes, com excelentes resultados urbanos e habitacionais, e, mais ainda, parece haver um mal-entendido na consideração do que é uma verdadeira tipologia, uma solução que tanto serve a continuidade e o interesse da cidade, a uma micro-escala, como serve o bem-estar dos habitantes e sua respectiva diversidade de necessidades e gostos de habitar.

- A resposta doméstica é a versatilidade e a adaptabilidade das habitações.
- Na envolvente há que favorecer estimulantes elementos de identificação e de transição entre casa, vizinhança e cidade.
- Na cidade é necessário aprofundar a ligação entre densidade, convivialidade, forma urbana e escala humana.
- E importa desenvolver uma cidade e habitação mutuamente apoiadas – uma cidade bem habitada e uma habitação bem vitalizada.



Fig. 09: redescobrir verdadeiras tipologias, que tanto sirvam a continuidade e o interesse da cidade, como o bem-estar dos habitantes e sua respectiva diversidade de necessidades e gostos de habitar – 2007, promoção cooperativa de 40 fogos em Guifões, Matosinhos, associados a uma residência assistida com disponibilização de cuidados continuados, Cooperativa As Sete Bicas, arq.^o Carlos Machado.

v) o desenho e a humanização do habitar

Numa quinta linha de humanização salienta-se que “o habitante necessita de emoção na percepção e na relação afectiva com o espaço urbano” – escreveu-o Francisco de Gracia^{xxii} – e que “o que projectamos ... não deve ser apenas confortável mas também estimulante”^{xxiii} e o Arq.º Hertzberger considera esta uma adequação fundamental e designa-a como forma convidativa, porque é aquela que tem mais “afinidade com as pessoas”.

Uma forma convidativa/humanizada que é construída pela escala humana, pela cuidada densificação, pelo verde urbano suavizador, por discretos elementos de identificação, pela estratégica pedonalização, pelo sossego e por soluções de acalmia de tráfego e por um habitar que, afinal, e fundamentalmente, seja considerado como um bem cultural, tal como defende Jean Nouvel

E para um desenho residencial humanizado é fundamental que exteriores e interiores sejam vividos numa estimulante unidade.



Fig. 10: o que projectamos não deve ser apenas confortável mas também estimulante, marcado por uma forma convidativa, aquela que tem mais “afinidade com as pessoas” – 2007, 45 fogos na Portela, Residência Madre Santa Clara, Carnaxide, C. M. de Oeiras, incluindo unidades T0 para cuidados continuados, pequenos fogos T1 para idosos e equipamentos sociais específicos, arquitectos Cristina Veríssimo, Diogo Burnay, Patrícia Ribeiro e Inês Norton de Matos.

(vi) um habitar integrado

Numa sexta linha de humanização defende-se um habitar integrado ligado à paisagem e a uma cidade viva, diversificada e coesa, bem diferente do subúrbio caótico. Uma integração feita, tal como

aponta Michael Laurie, na adaptação do sítio ao programa e deste mesmo programa ao sítio”, e que deve servir uma urgentíssima valorização paisagística e uma vital continuidade urbana”; e tal como refere Jean-Charles Depaule (1985)^{xxiv}, o nosso mundo urbano “mais do que um mundo de paredes é um mundo de limiares”, e basta dizê-lo para entendermos a riqueza de potencialidades da integração física, que deve ser marcada por uma vital continuidade urbana, conjugada por motivadores limiares e estimulantes transições.

Sobre a integração sociocultural Amos Rapoport (1977) sublinha que “mais do que desenhar para um pluralismo cultural, o que é altamente complexo... a única solução é a heterogeneidade a uma escala e a homogeneidade a outra, com zonas neutras intermediárias.”^{xxv}

E quanto à animação urbana há que assegurar uma equilibrada e estratégica integração de actividades, nem a mais nem a menos, nos sítios certos, nas alturas certas, nas misturas certas, e privilegiando-se o peão e os equipamentos mais ligados à coesão urbana e ao convívio diário.

(vii) natureza, cidade e lugar

Finalmente, numa sétima e última linha de humanização do habitar e da cidade, importa privilegiar soluções marcadas pelo carácter do lugar e pela natureza pois, tal como disse Gonçalo Byrne: “a paisagem é cada vez mais uma questão de arquitectura e uma questão de cidade...”^{xxvi}

Nestas matérias é crucial entender que o verde urbano proporciona múltiplos aspectos de bem-estar, saúde e satisfação cultural; e Kenneth Frampton disse mesmo que “se grande parte das ruas têm ambientes insuportáveis, a única coisa que as vai poder humanizar é o verde.”^{xxvii}; afinal, porque o jardim humaniza, porque aí se faz “uma síntese única: Arquitectura pela composição, Escultura pela modelação do terreno, Pintura pelo efeito cromático da vegetação, Música pelos ritmos da composição...” - disse-o René Pechère^{xxviii}.

E Norberg-Schulz escreveu que “a arquitectura se preocupa com algo mais do que necessidades práticas e economia. Ela refere-se a conteúdos e significados existenciais, experimentados como ordem e carácter” e que “por vezes o projecto “não é mais” que um elemento de valorização da união de condições naturais e urbanas preexistentes; e

podemos comentar que o projecto deveria ser sempre isso, um complemento subtil, no sentido de uma adequada sobriedade e de um carácter que nos fale à alma.



Fig. 11: sobre a base fundamental de uma integração sociocultural e física procurada a todo o custo, o projecto urbano e residencial deveria ser sempre um complemento subtil, no sentido de uma adequada sobriedade e de um carácter que nos fale à alma – 2007, 40 fogos na Travessa do Salgueiro, C. M. do Porto, Arq.º Carlos Veloso.

Comentários finais

Bem precisamos destes suplementos de alma num mundo público cidadão contemporâneo em que quase desapareceram os pequenos mundos intermediários das famílias alargadas e das comunidades de vizinhos, deixando-nos tantas vezes isolados nos nossos refúgios domésticos. Uma situação que salienta a urgência da re-humanização da cidade e do desenvolvimento de soluções de habitar muito sensíveis a tais problemas.

Neste sentido e com este objectivo, a habitação feita com apoio do Estado pode e deve contribuir

para a melhoria desses mundos domésticos, de vizinhança e cidadãos, e para tal objectivo o caminho da humanização dessas soluções é fundamental. Um caminho que está intimamente ligado ao da qualidade arquitectónica residencial, e nesta matéria tem de ficar claro que viver numa obra de boa arquitectura residencial é realmente uma experiência muito positiva, pois, tal como disse há poucos anos o presidente do Royal Institute of British Architects (na altura o Arq. George Ferguson): “uma escola melhor desenhada leva a um melhor ensino, e uma casa e um escritório melhor desenhados resultam em pessoas mais felizes”^{xxix}; e no caso da promoção de habitação de interesse social, esta pode e deve assumir um papel de relevo como ferramenta de desenvolvimento pessoal, familiar e social dos habitantes e das respectivas vizinhanças e comunidades locais.

Terminámos uma rápida viagem pelas linhas de humanização de um habitar que abrange o mundo público cidadão e os pequenos mundos domésticos. Entre estes mundos havia, antigamente, como se apontou, a família alargada, que era outro pequeno mundo, e, frequentemente, havia também uma afirmada comunidade, que era ainda mais um outro mundo; e além disso havia uma cidade que vivia num ritmo muito mais próximo dos nossos ciclos e ritmos vitais. Mas na cidade contemporânea é raro que existam esses mundos intermediários, há frequentemente ritmos frenéticos e há sinais bem negativos: de desumanização, de isolamento atrás da porta de cada habitação e de crítica falta de cidade habitada e amigável.

Há, portanto, hoje em dia, uma urgente falta de cidades vivas, motivadoras, razoavelmente calmas e equilibradamente convivias, assim como há falta de vizinhanças residenciais que sejam remansos de identidade e de sentido de envolvimento e protecção, como se fossem verdadeiras “salas de estar” no exterior.

Em tudo isto há uma espécie de sentido de estarmos a ser obrigados a participar numa corrida de que não entendemos a razão, e que não faz realmente sentido, porque afinal viver melhor numa cidade mais amigável nada tem de impossível e é naturalmente fundamental para podermos compensar os ritmos acelerados da vida urbana actual.

Conclui-se esta reflexão sobre os caminhos urgentes da humanização do habitar na cidade de hoje considerando que, entre fazer de novo e reabilitar habitação, há que humanizar e vitalizar, urgentemente, centros históricos e subúrbios; e num tal desígnio, é fundamental um habitar bem pormenorizado e qualificado, que não se engane mais nas suas ligações com o habitante e com a cidade, e para tal não chegam os aspectos mais objectivos da qualidade residencial. Uma humanização que irá, sem dúvida, influenciar positivamente os seus habitantes, pois tal como escreveu Louis Kahn: “na natureza do espaço estão o espírito e a vontade de existir de uma dada maneira”. E assim se conseguirá fazer melhor habitação e partes de cidade que atinjam um verdadeiro significado social, pois afinal habitar, derivado de habere, ter, implica uma identidade entre a pessoa e o mundo.

E finalmente, nesta pequena viagem pelas linhas de humanização de uma cidade melhor habitada, ficamos com as sábias palavras de Burle Marx, um grande paisagista, artista e humanista, que lembra que existem^{xxx} “duas paisagens: uma natural e dada, a outra humanizada e, portanto, construída” e que “além das implicações decorrentes das exigências económicas”, não podemos esquecer de que “a paisagem também se define por uma exigência estética, que não é nem luxo nem desperdício, mas uma necessidade absoluta para a vida humana e sem a qual a própria civilização perderia a sua razão de ser.”

Notas bibliográficas

- i Jan GEHL, «A Changing Street Life in a Changing Society» in <http://repositories.cdlib.org/ced/places/vol6/iss1/JanGehl/>, consultado em 13.02.2009.
- ii António Baptista COELHO, *Instituto Nacional de Habitação, 1984 – 2004: 20 anos a promover a construção de habitação social*, Lisboa, INH, LNEC, 2006.
- iii Josep Maria MONTANER e Zaida Muxí MARTÍNEZ (dir.), *Habitar el presente, Vivienda en España: sociedad, ciudad, tecnología y recursos*, Madrid, Ministerio de Vivienda, 2006, p. 32.
- iv Ruy GOMES, *Necessidades humanas e exigências funcionais da habitação*, Lisboa, LNEC, 1977, p. 2.
- v Générocity, exposição na Cité de Chaillot – “Cité de l’architecture et du patrimoine”, Paris, de 11 Fevereiro a 10 de Maio de 2009.
- vi União Internacional dos Arquitectos (UIA), no âmbito da “celebração das cidades III”, Concurso “*Maxmix cities*”, propostas até Março de 2009.
- vii François ASCHER, *Les nouveaux principes de l’urbanisme*, La Tour d’Aigues, Éditions de l’Aube, 2004 (2001), pp. 94 e 95.
- viii Alain MALHERBE, «Typologies» in Danièle SARLET (ed.), *Le logement à l’aube du XXI^e siècle – quelques perspectives et enjeux pour demain*, Jambes, 2000, p. 65.
- ix Leonardo BENEVOLO e Benno ALBRETCH, *As Origens da Arquitectura*, Lisboa, Edições 70, 2004 (2002), pp.10-13.
- x Daniel FILIPE, *Discurso sobre a cidade*, Lisboa, Editorial Presença, Coleção Forma n.º 8, 1977 (1956), p.51 e p.70.

- xi Jan GEHL, «A Changing Street Life in a Changing Society» in <http://repositories.cdlib.org/ced/places/vol6/iss1/JanGehl/>, consultado em 13.02.2009.
- xii Herman HERTZBERGER, *Lições de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 1996 (1991), p.193.
- xiii Malén AZNÁREZ, «Reportaje: Entrevista - Manuel de Solá-Morales “Me interesa la piel de las ciudades”», in EL PAÍS.com, editado em 12.10.2008, consultado em 30.10.2008.
- xiv Herman HERTZBERGER, *Lições de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 1996 (1991), p. 186 e p.193.
- xv Gordon Cullen, *El Paisaje Urbano – Tratado de estética urbanística*, Barcelona, 1977 (1971), pp. 13 e 15.
- xvi Carlos Leite BRANDÃO, «A Filosofia do Arquitecto», in Interpretar a arquitectura, n.º 9 – ISSN 1519-468X, Escola de Arquitectura da UFMG, p. 3
- xvii António Baptista COELHO, *Habitação humanizada – uma apresentação geral*, Lisboa, LNEC, 2007.
- xviii Rita Jordão SILVA, «Inauguração da nova galeria do Victoria and Albert Museum», in *Público*, 29.11.2004.
- xix Fernando GIL ao Expresso de 10/12/93.
- xx António Pinto RIBEIRO, *Abrigos: condições das cidades e energia das culturas*, Lisboa, Edições Cotovia, 2004, p. 18.
- xxi Jane JACOBS, *Morte e vida das grandes cidades*, trad. Carlos Mendes Rosa, São Paulo, Martins Fontes, 2001 (1961), pp. 32_41.
- xxii Francisco de GRACIA, *Construir en lo Construido*, Madrid, Editorial Nerea, 1992.
- xxiii Herman HERTZBERGER, *Lições de Arquitectura*, São Paulo, Martins Fontes, 1996 (1991), p.174.
- xxiv Jean-Charles Depaule, *À Travers le Mur*, 1985, p 11.
- xxv Amos RAPOPORT, *Aspectos humanos de la forma urbana – Hacia una confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana*, Barcelona, Gustavo Gili, 1978 (1977), pp.293 e 307.
- xxvi Inês Moreira dos SANTOS e Rui Barreiros DUARTE (entrevistadores), «Estruturas de mudança - entrevista com Gonçalo Byrne», in *Arquitectura e Vida*, n.º 49, 2004, p. 51.
- xxvii Ana Vaz MILHEIRO e Isabel SALEMA, (entrevista com o crítico de arquitectura Kenneth Frampton) «Há um forte sentimento pela paisagem», in *Público*, 11 Julho 1998.
- xxviii René Pechère, *Grammaire des Jardins – Secrets de métier*, 1995, (pp. 16 e 19).
- xxix Rita Jordão SILVA, «Inauguração da nova galeria do Victoria and Albert Museum» in *Público*, 29.11.2004.
- xxx Jacques LEENHARDT (entrevistador), *Nos Jardins de Burle Marx*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2000 (1994), pp. 62 e 47.